

9. Historia, Regiones y Fronteras

Apontamentos iniciais acerca da filosofia da história de Walter Benjamin

Leal, Pedro; Armani, Carlos (Orientador)

pedro_leal7@hotmail.com; carlos.armani@gmail.com;

Universidade Federal de Santa Maria

Resumen

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa História Intelectual, Presença e Sentido, está ligado ao grupo de estudos em História das Ideias e dos Conceitos nos Séculos XIX e XX: Filosofia, Cultura, Natureza, Política, e é orientado pelo Prof. Dr. Carlos Henrique Armani (UFSM). Tendo como lastro os textos *Experiência e pobreza (1933)* e *O narrador (1936)*, seu objetivo é oferecer uma reflexão introdutória sobre a filosofia da história de Walter Benjamin (1892-1949), limitando-se inicialmente a analisar dois conceitos fundamentais: experiência e narração. Pensar no significado dessas ideias, a posição que elas ocupam dentro do pensamento de Benjamin e finalmente a relação delas entre si. O aporte teórico-metodológico para a análise dos textos e dos conceitos virá de David Carr, principalmente para a reflexão acerca da ideia de experiência na História, de Dominick LaCapra e sua hermenêutica contextualista, para explicitar os diferentes contextos em que se inserem os textos de Benjamin, tais como o contexto que relaciona o texto e o corpus do escritor; e o contexto discursivo em que o autor está inserido. Por último, de Jean Marie Gagnebin, para pensar a questão da narração e a relação entre experiência e narração na obra de Benjamin. Para o filósofo, formas tradicionais de narrar, e também de escrever a História estão em crise na modernidade européia – Benjamin escreve no século XX, principalmente sobre o fim do século XIX e o próprio século XX -, e a incapacidade humana de experimentar a vida em geral está na fonte dessa crise das narrativas tradicionais. Segundo Benjamin, as novas formas de narrar estão baseadas numa temporalidade homogênea e vazia, que estão caucadas em vivências individuais e não compartilhadas. Daí a necessidade de buscar uma concepção de tempo que permita uma narração vinculada à experiências compartilhadas e à própria constituição do sujeito.

Palabras clave: Filosofia da História, Walter Benjamin, Teoria da História, Experiência, Narração.

Introdução

Walter Benjamin (1892-1940) não foi o primeiro e nem será o último filósofo a escrever sobre a História. Sendo um autor lido por diversas áreas do conhecimento, ou seja, seu repertório de escrita fazendo-se bastante amplo, ele carrega inquestionáveis contribuições para a teoria e filosofia da história. A ocorrência de Benjamin escrever sobre múltiplos assuntos pode ser relacionada com o fato de ser um pensador que tem diversas influências, tidas por alguns, inclusive, como contraditórias. Michel Lowy afirma que “Ele é um crítico revolucionário da filosofia do progresso, um adversário marxista do “progressismo”, um nostálgico do passado que sonha com o futuro, um romântico partidário do materialismo. Ele é, em todas as acepções da palavra, “inclassificável”. (...) Sua obra se apresenta, realmente, como uma espécie de bloco errático à margem das grandes tendências da filosofia contemporânea.” (LOWY, 2005, p. 8). Tendo como foco principalmente os textos *Experiência e Pobreza* (1933) e *O narrador* (1936) propõe-se uma discussão acerca da filosofia da história de Walter Benjamin, as ideias de experiência e de narração.

Por décadas, as reflexões em torno da filosofia e teoria da história tem sido ligadas às questões de memória – que está intrinsecamente conectada ao passado - e representação linguística – que pode ou não estar ligada ao passado -. Em relação à questão da representação, David Carr afirma que

Though other forms of representation come to mind, e.g., pictorial, and though memory itself, as we shall see, can be considered a representation of the past, philosophers have trained their attention on language (...) This then fits neatly into the so-called linguistic turn in philosophy, according to which the only way to talk about knowledge is to talk about the *language* in which it is expressed. (CARR, 2014, p. 2)¹

Assim, o olhar dado à História está ligado à narrativa e à linguagem, Carr cita como exemplos dessa corrente Foucault, Barthes, Danto e principalmente Hayden White. A proposta é compreender e explicar os fenômenos históricos através de suas representações linguísticas.

¹ Apesar de outras formas de representação virem à mente, como por exemplo, pictórica, e apesar da memória em si, como veremos, poder ser considerada uma representação do passado, filósofos têm treinado sua atenção na linguagem (...) Isso então cabe perfeitamente na assim chamada virada linguística na filosofia, segundo a qual a única maneira de falar de conhecimento é falar da linguagem em que se expressa. (Tradução nossa.)

Por outro lado, a abordagem ligada à memória, apesar das dificuldades iniciais em transcender a noção de memória individual para memória coletiva, se aproximou da História. Se conectaram, pois

Memory seems to provide a link to the past that history needs, and takes up and uses in its work. History is often charged with the task of reviving what has been forgotten, correcting what has been falsely remembered, struggling against the tendency to repress what society would rather not remember, etc. (CARR, 2014, p.3)²

O que há em comum nessas duas diferentes abordagens, representação linguística e memória, é que as duas pressupõem um vazio, uma lacuna entre presente, e o passado observado. No primeiro caso, há uma distância entre o passado e presente, e necessitamos representar esse passado que não se faz mais presente. Uma distância entre representação e representado. No segundo caso, parece uma obviedade dizer que para algo ser lembrado, necessita ser esquecido; ou seja, há um intervalo entre o passado que vai ser re-descoberto e lembrado no presente. Ainda que Carr proponha uma terceira abordagem, ligada à fenomenologia e à filosofia da história, é no segundo tipo, da memória, que poderíamos melhor encaixar Walter Benjamin.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo discutir dois conceitos, *Experiência* e narração em uma parte da obra de Walter Benjamin, discutir a importância dos dois na filosofia da história do autor, entendendo que são partes de um todo maior, mas que também expressam o todo em sua singularidade. Compreender os conceitos, a relação entre os dois e ainda a relação dos dois com a filosofia Benjaminiana. Como um trabalho inicial, objetiva-se também, a partir das discussões feitas na 26ª Jornada de Jovens Pesquisadores da AUGM, materializar novas hipóteses de trabalho, superar algumas dificuldades e enxergar ou não o potencial futuro do projeto.

Materiais e Métodos

A análise das obras se dará a partir da perspectiva da História das Ideias, mais precisamente de Dominick Lacapra e seu olhar para as relações texto-contexto, os textos

² A memória parece fornecer uma conexão com o passado que a história necessita e utiliza a seu favor. Frequentemente é dada à história a tarefa de reviver o que foi esquecido, corrigindo o que foi falsamente lembrado, lutando contra a tendência de reprimir o que a sociedade preferiria não lembrar. (Tradução nossa.)

utilizados como fontes históricas são *Experiência e pobreza* (1933) e *O narrador* (1936), ambos de Walter Benjamin. Para LaCapra, a relação “dentro” e “fora” do texto não é uma relação simples e dada, a dicotomia texto/contexto deve ser problematizada; segundo ele o contexto do “mundo real” em si já é “textualizado” de diversas formas. “The context or the “real world” is itself “textualized” in a variety of ways, and even if one believes that the point of criticism is to change the world, not merely to interpret it, the process and results of change themselves raise textual problems.” (LACAPRA, 1983, p. 26)³. Daí a necessidade de uma forma de interpretação que identifique que o próprio contexto, na medida em que passa pelo crivo da linguagem, é criado e recriado por textos e relatos do passado, e que o texto está inserido no contexto que o transcende, ainda que dele dependa para fazer sentido ou permitir que uma memória possa ser compartilhada pelos contemporâneos.

A base da discussão de LaCapra é a relação complexa entre mundo e linguagem, e uma tensão constitutiva entre o caráter documentário e performativo dos trabalhos historiográficos. Para ele, existem seis contextos pertinentes que podem ser utilizados na escrita da História: intenção, motivação, sociedade, cultura, corpus e modos do discurso. Este trabalho se propõe a utilizar principalmente os dois últimos, corpus do escritor e modos de discurso. Ao falar sobre a relação entre o texto e o corpus do escritor, LaCapra levanta a questão da relação entre diferentes textos, ou seja, a noção de unidade da obra do autor, de continuidade de ideias, discontinuidade e rupturas de opiniões em determinadas épocas. A importância desse contexto é ver que os textos não estão fechados em si mesmos, apesar de ter sua autonomia perante o autor. “The texts, however, do not become hermetically closed upon themselves; they differ from and also defer to other texts both written and lived” (LACAPRA, 1983, p. 56). No contexto referente aos modos de discurso, LaCapra enfatiza a importância dos textos canônicos, e a capacidade de significação e interpretação pelas diversas disciplinas. Ao colocar os modos de discurso como um contexto, LaCapra advoga pela importância do caráter performático – junto do documentário – na escrita da História.

Resultados e Discussão

A história do conceito de *Experiência* é extensa, cheia de ambiguidades e nos levaria até a filosofia antiga de Aristóteles e Platão. Nosso recorte será a partir da modernidade, iniciando com a ideia de *Experiência* para os empiricistas, principalmente a partir da filosofia

³ “O contexto ou o “mundo real” é por si só “textualizado” de diversas formas, e mesmo que alguém acredite que o sentido da crítica é transformar o mundo, não somente interpretá-lo, o processo e o resultado da mudança por si só levantam problemas textuais.” (Tradução nossa)

de John Locke e David Hume. Em oposição aos racionalistas da época, da noção de ideias inatas, ou de que a mente já nasce com as ideias prontas, Locke afirma a questão da inocência. Assim, *Experiência* para Locke está diretamente relacionada com um primeiro contato com o mundo, um contato que é inocente, independente de conhecimentos a priori. Desta forma, a *Experiência* lockeana é direta e sem mediação, pois é uma qualidade dos sentidos, e não do intelecto. É o sentir, o tocar. Há uma pretensão de contato com o mundo real, reconhecidamente empiricista.

Em um contexto também empiricista, há uma outra noção de *Experiência*, a de Hume. Para ele, apesar de também relacionar a experiência com sensações e impressões, há uma noção de temporalidade que não há em Locke. Se em Locke não há mediação e sim um contato direto com o mundo, para Hume a *Experiência* se dá com a exposição repetida a fenômenos parecidos no tempo, ou seja, a memória é importante no processo de experimentação, existe uma mediação entre sensações passadas e as que são do presente, e conseqüentemente um acúmulo de impressões com a passagem do tempo, tornando a *Experiência* humeana mais complexa, e não inocente como a de Locke.

Seguindo uma linha mais vinculada à noção de Locke, a *Experiência* de Kant também tem relação com impressões e sensações, mas não somente. Esses processos são o passo inicial, para o que Kant chamará de conhecimento. É a partir das sensações que podemos conhecer algo, e assim experienciar. É como se essas impressões fossem um material mais bruto, e fossem trabalhados pelo intelecto e transformados em conhecimento e experiência.

É em Hegel que a noção de temporalidade Humeana terá um maior eco, mas com um novo fator, o fator negativo. Se em Hume a *Experiência* é o processo de ter diversas sensações no tempo e a memória delas, para Hegel, acontece nesse processo como uma seleção, há erros e acertos. Vivenciando os erros ocorre o processo de maturação e acumulação de sensações, formando a *Experiência*. Esse elemento negativo é o que Hegel chama de aparência, e que está no processo chamado de movimento dialético.

In fact, *Erfahrung* in Hegel's sense here is a long series of mostly false starts through which consciousness slowly and painfully advances to an awareness of itself. It is the pathway of doubt (...) in which consciousness repeatedly thinks it has hold of reality "in itself", only to find that it has only an appearance. (CARR, 2014, p. 17)⁴

⁴ De fato, *Experiência* no sentido hegeliano é na maior parte das vezes uma longa série de falsos inícios através da qual a consciência avança devagar e dolorosamente até a consciência de si. É o caminho da dúvida no qual a consciência pensa repetidamente que captou a realidade em si, apenas para descobrir que só tem uma aparência. (Tradução nossa)

Assim, a *Experiência* hegeliana pode ser entendida com uma caminhada que há diversos imprevistos, mas que são necessários para alcançar o destino final.

É com a tradição hermenêutica e fenomenológica que surgem outros significados para *Experiência* e uma outra palavra para expressá-la: *Erlebnis*; lembrando que todos os usos que até agora remetiam às palavras *Experience* e *Erfahrung*. É Dilthey quem formaliza e utiliza as duas palavras; sua *Erfahrung* se assemelha ao sentido de *Experiência* de Hume, e se coloca como um todo, constituído de partes em um processo temporal. É na palavra *Erlebnis*, que Dilthey apresenta um sentido de *Experiência* similar ao de Locke, de sensações diretas e de episódios que sejam percebidos imediatamente. Husserl também utiliza as duas palavras, para ele, *Erlebnis* são eventos mentais, que conectados uns aos outros de diferentes formas, formam a consciência individual de cada indivíduo, mas diferentemente das noções de Hume e Hegel, não há um processo temporal, são as características mais básicas que formam a consciência humana. Sua *Erfahrung* traz uma qualidade nova de intencionalidade; apesar de se parecer com a noção inicial de Locke, Husserl coloca que apenas as sensações não-intencionais de ver, escutar, tocar contam como *Erfahrung*. Ou seja, se as sensações forem intenciais, como ter esperança por algo, ou desejar, planejar, compreender; elas não são *Erfahrung*.

Na obras analisadas de Walter Benjamin, o conceito de *Experiência (Erfahrung)* também tem essa ambiguidade latente característica da tradição e da historiografia; apesar do conceito ser encontrado em diversos textos benjaminianos, essa análise terá como foco *Experiência e pobreza (1933)* e *O narrador (1936)*; sendo principalmente nesses dois fragmentos que Benjamin discorre sobre a questão da experiência vinculada à questão da narração.

Em *Experiência e pobreza (1933)*, Benjamin posiciona inequivocamente a experiência como uma experiência pobre, como uma não-experiência. Para ele, é com a modernidade que essa forma de experienciar pôde ser inaugurada; as razões para essa mudança de qualidade no ato de experienciar se dão pelo avanço do capitalismo industrial, da técnica, do tempo fabril, e principalmente da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). É no evento traumático da Grande Guerra que Benjamin enxerga o apogeu da crise da experiência, reduzindo-a ao silêncio.

Na época, já se podia notar que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos (...) porque nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência

econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 2012, p. 124).

Há uma relação basilar entre modernidade e pobreza de experiência, é a denúncia desse processo de supressão da experiência que Benjamin se propõe.

Com a relação entre a ideia de experiência e a questão da narração é que podemos definir o que é o ato de experienciar. Para Benjamin, aqui, *Experiência* é aquilo que é transmitido de geração para geração através de fábulas, histórias e narrativas variadas, é o conhecimento adquirido através do tempo, que pode ser repassado e comunicado. Feita a denúncia, Benjamin propõe caminhos e projetos de soluções; primeiramente, conhecer o caráter de pobreza da experiência moderna, ou seja, não adianta recorrer às velhas narrações transmissíveis e disfarçar o problema, há de se reconhecer essa carência humana na modernidade. Um outro caminho é desenvolvido pelo autor, é um conceito positivo de barbárie

Barbárie? Sim. Responderemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para a esquerda. (BENJAMIN, 2012, p. 125)

Para Benjamin, há um compromisso ético da humanidade em enxergar a si mesma como pobre em experiência, e além disso, de perceber os limites e as possibilidades e conhecer a fundo sua própria pobreza. Assim, é a partir dessa transformação ética que Benjamin enxerga a saída para uma nova experiência.

Em *O narrador* (1936), Benjamin aprofunda a relação entre *Experiência* (*Erfahrung*) e narração. Se por um lado continua com o entendimento de que a experiência moderna se caracteriza justamente na impossibilidade de sua transmissão, da difusão de uma narrativa e de conhecimentos através de geração para geração; por outro, terá uma resposta diversa à ideia de “barbárie positiva”. É uma alternativa que, contrariamente ao bárbaro positivo - que estava olhando para a frente, para o novo e impelido ao futuro - se funda em uma nova narração, pois se a experiência moderna está em crise, a figura do narrador moderno também está. Assim, há um retorno aos restos mortais de uma tradição narrativa, em busca de uma nova arte de narrar, e de uma experiência que possa ser transmitida e incorporada.

O narrador, para Benjamin, é o contador de histórias. Se há uma crescente individualização da vida humana, compartilhar histórias e dar conselhos são atos que progressivamente vão se perdendo e vistos como retrógrados para os modernos. É através da análise de Leskov que Benjamin vislumbra a disparidade das narrativas tradicionais e as modernas, ou seja, não há o aspecto utilitário nas histórias modernas, na sugestão de uma

prática, ou um conselho, ou um conhecimento que possa ser transmitido. Há uma distância entre ouvinte/leitor e quem conta a história que não consegue ser superada. Apesar do objeto ser Leskov, a oralidade é um aspecto essencial na narração tradicional, é necessária uma presença corporal nessa transmissão de experiência, uma performance corporal. “A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos [...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.” (BENJAMIN, 2014, p.220-1) Mesmo em uma narrativa escrita, para Benjamin, há interação, uma presença e a capacidade de ouvir a voz do narrador. É fundamental que o narrador se reconheça como uma parte, parte de algo que o transcende, o processo da transmissão de experiência que por sua vez possa ser posteriormente retransmitida e assim por diante.

Se a experiência é o material trabalhado pelo narrador, Benjamin separa uma experiência que é da narrativa moderna e chama-a de *Vivência (Erlebnis)* e uma experiência que é da narrativa tradicional, que pretende-se ser retomada para a criação de uma outra, a *Experiência (Erfahrung)*. Vivência, que está vinculada a sensações isoladas, não relacionáveis no tempo, que estão estaticamente fixados na memória. Enquanto a Experiência, traz o aspecto do compartilhamento, de resignificação, da rememoração incosciente, que surge e afluem à memória. Além de ser essencialmente coletiva.

Conclusiones

É na relação entre o fim das formas tradicionais de experienciar o mundo e de formular narrativas que Benjamin baseia sua filosofia da história, e suas alternativas para a humanidade perpassam necessariamente uma nova narração e uma nova forma de experienciar; reconhecendo no conceito de *Experiência* uma ferramenta ainda útil para explicar e compreender as sensações humanas. *Experiência* que, para Benjamin, relaciona-se diretamente com a memória, que vai formando-se nosso proceso temporal, através de sensações e lembrança de sensações, em um proceso de maturação. É a partir dessa nova *Experiência* que se poderá criar uma nova narração, responsabilidade do

cronista [narrador] que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida obterá o seu passado completo. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o seu passado tornou-se citável, em cada um dos seus momentos. Cada um dos seus momentos vividos transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final. (BENJAMIN, 2012, p. 242)

Assim, a nova narração proposta por Benjamin não suprime os esquecidos, e os subalternos, para ele, é necessário rememorá-los e redimí-los das narrativas dos vencedores.

Financiamento

O financiamento da pesquisa é feito pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), programa que é vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológica, e faz parte do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. A pesquisa está inserida no projeto de pesquisa História Intelectual, Presença e Sentido, está ligado ao grupo de estudos em História das Ideias e dos Conceitos nos Séculos XIX e XX: Filosofia, Cultura, Natureza, Política, e é orientada pelo Prof. Dr. Carlos Henrique Armani (UFSM).

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. p. 213-240.

_____. “Experiência e pobreza”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 2012, p. 123-128.

_____. “Sobre o conceito da História”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 2012, p. 241-252.

CARR, David. **Experience and history: Phenomenological perspectives on the historical world**. Oxford University Press, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antonio. **Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin**. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 20, n. 33, p. 449-484, 2015.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito da história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATE, Reyes. **Meia-noite na história. Comentários às teses de Walter Benjamin 'Sobre o conceito de história'**. São Leopoldo/RS: Editora UNISINOS, 2011.